



EUNICE GUIMARÃES: professora negra no curso de Matemática da Universidade Federal da Bahia (1950-1968)

Damile Cerqueira Bertolo¹

Eliene Barbosa Lima²

A escolha para o objeto de pesquisa justifica-se pela percepção da mínima representatividade de pessoas negras no corpo docente de um curso de Licenciatura em Matemática. Enquanto mulher negra e professora em formação, tal constatação gerou em mim um incômodo desde o primeiro semestre do curso e me motivou a decidir por desenvolver uma temática de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso que considerasse reflexões sobre raça, gênero e matemática no ensino superior. Sua produção ocorre no âmbito do projeto de pesquisa *Tecendo o processo histórico de profissionalização docente, no âmbito da matemática, nos seus diferentes níveis de formação na Bahia, de 1925 a década de 1980*.

Assim, nosso objetivo principal é investigar a trajetória profissional de Eunice da Conceição Guimarães na Universidade Federal da Bahia (UFBA), a partir de um lugar social e pertencimento étnico-racial, no período entre 1950 e 1968. Tal delimitação temporal tem como início a década em que a nossa personagem foi estudante da Faculdade de Filosofia da Bahia (FF³) e, como término, o ano da promulgação da Reforma Universitária, sob a lei n.º 5 540, que fixou a organização e funcionamento do ensino superior brasileiro, bem como a sua articulação com as escolas de nível básico (BRASIL, 1968). Uma de suas consequências acarretou a separação do antigo Instituto de Matemática e Física (IMF) e criação do Instituto de Matemática (IM⁴) - que passou a assumir a oferta do curso de Matemática - e do Instituto de Física (IF).

¹ Graduanda em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3982-0446>. E-mail: bertoldodamile@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1651856810966570>

² Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana (UFBA/UEFS). Professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6928-5217>. E-mail: eblima@uefs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8159944355847853>

³ Mais adiante, essa FF foi um pouco mais detalhada.

⁴ Atualmente Instituto de Matemática e Estatística (IME).

Para essa investigação, tomamos como principal fonte histórica para análise uma entrevista⁵ da professora Eunice Guimarães, na qual ela relatou suas memórias desde quando ainda morava em Cachoeira – localizada a aproximadamente 117 quilômetros da capital Salvador –, até as suas vivências enquanto estudante da FF na década de 1950 e, posteriormente, professora do curso de Matemática da UFBA.

Tendo isso em vista, buscamos interrogar essa fonte histórica a partir das ideias de Souza (1990), que nos ajudou a refletir sobre a percepção de identidade racial da personagem naquele contexto e as implicações da ascensão social adquirida por ela mediante a formação acadêmica e exercício da docência no nível superior. Segundo esta autora, o indivíduo negro que atinge um nível de ascensão social está condicionado a buscar se enquadrar nos padrões de conduta considerados ideais pelo sistema racista, isto é, modos de agir, de falar, de vestir, de viver e conviver em sociedade próprios da branquitude. Processo que ocorre em detrimento de sua identidade, mesmo inconscientemente (Souza, 1990).

No desenvolvimento desta pesquisa consideramos os estudos de Rohden (2001) sobre as diferenças de gênero e os papéis sociais a serem desempenhados por homens e mulheres (final do século XVIII – início do século XIX). As mulheres eram descritas como funcionais apenas para servir e procriar, sendo obrigação da família educá-las e prepará-las para serem boas esposas, mães e donas de casa. Além disso, há o trabalho de Passos (1999) que aborda a mulher na FF durante a metade do século XX, bem como a investigação de Dias (2002), que descreve e analisa a constituição do curso de Matemática nessa Faculdade.

A CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER

Ao final do século XVIII, percebia-se um movimento intenso de reafirmação das diferenças entre os sexos. De acordo com Rohden (2001), as publicações de médicos da época continham a ênfase nas diferenças físicas entre os corpos para justificar e definir quais papéis sociais seriam desempenhados pelas mulheres e pelos homens. A feminilidade e a masculinidade eram resumidas ao sexo biológico, os corpos eram diferenciados até mesmo pelos ossos, cérebro, músculos e pele, e o corpo feminino era definido como inferior ao

⁵ Essa entrevista foi concedida a André Luis Mattedi Dias e Lais Viena de Souza, no dia 06 de setembro de 2002, nas instalações do IM da UFBA, na cidade de Salvador.

masculino (Rohden, 2001). Por isso, as mulheres eram descritas como funcionais apenas para servir e procriar, e era obrigação da família educá-las e prepará-las para serem boas esposas, mães e donas de casa. Quaisquer mudanças ou influências culturais, por exemplo, da educação ou do trabalho, eram entendidas como ameaças à permanência dessa estrutura de poder e desigualdades.

Já no século XIX, mudanças começaram a se fazer presentes no comportamento de mulheres das classes dominantes da sociedade, quando elas passaram a desempenhar outras atividades além daquelas relacionadas ao cuidado e delimitadas pelo lar. Um dos fatores para isso foi a influência dos métodos contraceptivos que se popularizaram, ocasionando maior liberdade para ambos os sexos em relação ao próprio corpo.

Diante disso, diversas áreas da ciência, como a biologia, a psicologia e a sociologia, tiveram influência no papel de reforçar a diferença sexual não apenas pelos corpos, mas também pelas capacidades intelectuais. Rohden (2001) destaca que a mulher era considerada inferior ao homem por uma perspectiva evolutiva da espécie humana, na medida em que a evolução feminina teria sido abreviada aos órgãos reprodutivos, enquanto os homens teriam, naturalmente, evoluído a sua intelectualidade.

Assim, ainda no século XIX, a ciência entendia que a evolução da espécie era hierárquica, e que todas as desigualdades eram fruto da natureza, o chamado *fatalismo científico*. Por isso, havia a concepção de que precisava-se incentivar a reprodução apenas dos grupos considerados superiores, em detrimento daqueles considerados inferiores e indignos de humanidade (Rohden, 2001).

Essa realidade, acerca das mulheres, começa a ganhar novos rumos a partir do século XX. Especificamente no Brasil da década de 1940, “[...] presenciava-se o início de um processo de mudança na identidade feminina, em particular, em relação ao seu compromisso social, levando-as a estendê-lo além dos muros das residências na prestação de um serviço social [...]” (Passos, 1999, p. 34).

Porém, ainda segundo Passos (1999, p. 34), “[...] o fato de saírem às ruas, de romperem com o isolamento do espaço privado, de desejarem estudar mais, ultrapassarem o limiar do ensino médio, nem as fazia mudar os marcos de sua identidade, nem seus padrões identificatórios.” Ou seja, apesar da mulher brasileira se colocar em uma posição ativa perante esse movimento da época, isso não contribuiu para que ocorressem mudanças

significativas na organização dos papéis sociais já bem estabelecidos em séculos anteriores. Contudo, não significou desistência em conquistar seus espaços. É nesse contexto, na Bahia, que a constituição do curso de matemática da FF se mostra relevante.

O CURSO DE MATEMÁTICA DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA BAHIA

A FF foi fundada em 1941 mediante ações de Isaías Alves de Almeida (1888-1968), professor, especialista e teórico da educação brasileira. Na FF, os cursos ofertados foram os seguintes: Filosofia, Matemática, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Clássicas, Letras Neo-Latinas, Letras Anglo-Germânicas e Pedagogia (Calmon, 1980).

Em 1945, formou-se a primeira turma de bacharéis do curso de matemática. Dias (2002) afirmou que entre 1945 e 1968, quando o curso de Matemática deixou de ser responsabilidade da FF, as mulheres representavam maioria entre os seus estudantes. Isto é, dentre 118 licenciados e bacharéis, 70% eram mulheres e 30% homens. As ex-alunas do curso também constituíram a maioria do cargo de professoras assistentes do Departamento de Matemática da FF. Posto isso, podemos nos perguntar: por quais razões o curso de matemática da FF foi configurado predominantemente por mulheres?

Historicamente o ambiente da matemática do ensino superior esteve carregado de uma série de estereótipos de gênero, já que existia o imaginário social de que este seria um curso destinado ao público masculino, em sua maioria. Isso, conforme Dias (2002), devido ao fator social dos papéis de gênero que buscavam reduzir a participação feminina nas universidades às áreas reconhecidas pelas funções de cuidar e de servir, como os cursos da área de saúde, de ciências humanas, e de educação, principalmente, o curso de pedagogia.

Dentre as razões para isso, desde muito cedo, ainda no ensino fundamental, “[...] as meninas já manifestam menor habilidade para a matemática que os meninos, em decorrência dos processos de socialização onde estão ausentes modelos apropriados para serem adotados pelas meninas” (Dias, 2002, p.127). Ou seja, as meninas não eram motivadas pela família nem pela escola, para o estudo da matemática ou assuntos dessa área, implicando em uma relação um tanto quanto conflituosa com a disciplina, devido à leitura de que a matemática não era “útil” para elas.

Dias (2002) afirmou que, por consequência desses fatores sociais, a matemática nem sempre representou uma parte importante na vida das mulheres da FF. Assim, quando passaram a escolher o curso de Matemática, não o faziam somente porque queriam, mas também porque significava uma oportunidade de obter uma profissão por meio dos estudos. Em outros termos, isso representava uma chance de ascensão social para mulheres de classes não abastadas, caso da nossa personagem e, principalmente, autonomia financeira da família para as mais ricas. Em nossa interpretação, apesar de terem sido influenciadas por diferentes fatores, em geral, as mulheres da FF, fossem brancas, negras, ricas, pobres, influentes ou não, todas desejavam ser protagonistas de sua própria história.

No entanto, o fato de as mulheres formarem maioria na FF, não necessariamente significou uma grande transformação das relações de gênero no corpo docente e discente da faculdade. Passos (1999) argumenta que se seguia o mesmo padrão estabelecido pela sociedade baiana pois, ainda que a faculdade fosse um espaço público para ambos os sexos, já era esperado para os estudantes que fosse mantida a estrutura de modo a conservar a lógica sexista já construída. Entretanto, a trajetória de Eunice Guimarães evidencia um movimento contrário a essa realidade.

AS VIVÊNCIAS DE EUNICE GUIMARÃES

Eunice da Conceição Guimarães, nascida em 1936, é mulher negra, filha de Plácido Ferreira de Guimarães – funcionário público federal e vereador em Cachoeira –, e de Francisca Conceição Guimarães, dona de casa. Eunice é a sexta de sete irmãos.

Na referida entrevista, Eunice Guimarães (2002) declarou que seu interesse principal sempre foi de obter a independência financeira, não se preocupava em casar e ter filhos, contrariamente ao padrão da época. Em sua cidade natal só existia o curso pedagógico para formação de professores primários, mas essa não era a sua aspiração porque, em suas palavras, “[...] achava que seria impossível ser independente financeiramente como professora primária. Então, convenci meu pai a vir estudar em Salvador. Ele não queria porque eu tinha três irmãos que estudavam aqui em Salvador” (Guimarães, 2002, p.1). Com isso, seu pai comprou uma casa na Rua Castro Neves, bairro de Brotas, em Salvador, onde a esposa e seus filhos passaram a morar.

Podemos concluir, portanto, que a família de Eunice Guimarães possuía uma condição financeira que lhe proporcionou oportunidades de realizar seu sonho na capital. Isso é importante pelo fato de que, para o período da década de 1950, uma família com as caracterizações dessa nossa personagem mudar-se para Salvador significava uma quebra nas expectativas criadas pela sociedade racista.

Isso representou um marco inicial em sua trajetória profissional. Fez o curso científico de 1954 a 1956 na Escola Normal da Bahia⁶, estando também matriculada no curso pedagógico que era desejo de seu pai. Curiosamente, Guimarães (2002) explicou que não assistiu a nenhuma aula do curso pedagógico, já que não era o que queria, e seu pai só descobriu quando ela já estava no terceiro ano do curso científico.

Após concluir o científico, ela não tinha um plano de para qual curso prestaria o vestibular, não sabia o que queria e chegou a fazer teste vocacional, mas isso não a ajudou. Até pensou em fazer Engenharia Civil, mas afirmou que não tinha habilidade para o desenho técnico. Por sempre ter sido uma boa aluna em matemática desde a infância, também por influência de seu irmão Edvaldo Guimarães, ela escolheu prestar vestibular para o curso de Matemática com o intuito de obter uma formação em nível superior e, assim, atuar como uma profissional nessa área. Ainda enquanto estudante de Matemática na FF, de 1956 a [1960?], ela atuou como estagiária (com remuneração) substituindo o professor Luiz de Moura Bastos⁷ (1903-1988) no Colégio Central da Bahia até concluir o curso.

Em 1964, tornou-se professora assistente no Instituto de Matemática e Física (IMF), quando tinha apenas 28 anos de idade. No período de 1969 a 1970 Eunice Guimarães e Neide Clotilde Pinho e Souza⁸ tiveram uma experiência de estágio enquanto bolsistas na Bélgica, onde cursaram Análise Vetorial e Álgebra Linear com o professor Georges Papy⁹ (1920-2011). Ao lembrar essa época, afirmou que, apesar da língua parecer um obstáculo, isso não atrapalhou os seus estudos nem o contato com os professores. Inclusive, ministrou uma aula em francês no final do estágio.

⁶ A antiga Escola Normal da Bahia foi criada pela lei nº 37 no ano de 1836, mas suas atividades iniciaram apenas em 1842. Desde 1968, passou a ser o Instituto Central de Educação Isafas Alves e está localizado até os dias atuais no bairro do Barbalho, Salvador-BA (Lemos, 2011).

⁷ Engenheiro Civil e um dos fundadores da FF (Dias, 2002).

⁸ Atuou como professora assistente da Faculdade de Filosofia entre 1964 e 1968.

⁹ Foi um matemático e professor da Universidade de Bruxelas, na Bélgica.

Durante sua estadia na Europa, Eunice Guimarães explicou que não enfrentou dificuldades relacionadas ao preconceito racial. Em suas palavras, declarou: “Pela cor? Não, na Bélgica não dava problema por isso [...] Para todo lugar que eu ia, tinha muito preto estudante. [...] No centro do Papy mesmo tinha, não era somente eu não. Tinha mais ou menos uns quatro.” (Guimarães, 2002, p. 17)

Na concepção dela, algumas características da sua família se destacavam de tal maneira que a questão racial ficava em segundo plano, o que mascarava, de certa forma, a discriminação pelo tipo de tratamento que ela recebia ainda em sua cidade natal:

No ginásio e no curso primário, nós [Eunice e seus irmãos] éramos bons alunos. Eu sempre fui uma das primeiras, então isso aí dá pra disfarçar e não sentir uma rejeição. Eu acho, na minha opinião, analisando, foi por isso que não houve racismo, ninguém nunca fez nada. Nós tínhamos um clube em Cachoeira, [...] o clube principal de lá do pessoal da elite, nós frequentamos, e eu era muito bem aceita. (Guimarães, 2002, p. 16)

Posteriormente, no contexto de Salvador, ela reforçou essa mesma ideia do bom tratamento social justificado pelo seu destaque acadêmico: “[...] na Faculdade também, e Instituto de Matemática, eu não percebi nada. [...] depois que eu comecei a pensar em racismo, fui analisar por que eu não tinha visto essas coisas, que eu sei que existiam.” (Guimarães, 2002, p. 16)

O fato de Eunice Guimarães ter alcançado um nível de ascensão social enquanto professora universitária também teve influência no tratamento que ela recebia, porém, caso não a conhecessem, o preconceito se mantinha, mesmo que velado. “Eu fui aceita porque as pessoas sabiam quem eu era, então não tinha por que não aceitar. Com certeza chegando num lugar que ninguém me conhece, chegando num prédio, me mandam para o elevador de serviço [...]” (Guimarães, 2002, p. 17).

O depoimento da professora reflete como o racismo age na ilusão de que podemos escapar da discriminação se formos inteligentes e competentes em nossas funções, se ocuparmos lugares de prestígio social. Em outras palavras: se nos adequarmos ao que Souza (1990, p.23) designou de “[...] padrões brancos de relações sociais”. Entretanto, na realidade, a população negra continua sendo rotulada, categorizada pelos tons de pele e tipos de cabelo; continua sendo alvo de preconceito, independentemente de sua profissão ou cargo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho teve apoio do Programa Interno de Auxílio Financeiro a Projetos de Pesquisa e Inovação (FINAPESQ) vinculado ao projeto de pesquisa Tecendo o processo histórico de profissionalização docente, no âmbito da matemática, nos seus diferentes níveis de formação na Bahia, de 1925 a década de 1980.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-Lei Decreto n. 5540, de 28 de novembro de 1968.** Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 23 fev. 2024.

CALMON, J. Os 35 anos (1941-1976) da Faculdade de Filosofia. **Revista das Ciências Humanas.** Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, v. 1, n. 1, p. 7-18. jul. 1980.

DIAS, A. L. M. **Engenheiros, mulheres, matemáticos:** interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896-1968). 2002. 320f. Tese. (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GUIMARÃES, E. C. **Entrevista concedida a André Luís Mattedi Dias e Lais Viena de Souza.** Salvador, 2002.

LEMONS, G. L. R. A escola normal na Bahia e a educação feminina. In: JORNADA DO HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE NO BRASIL, 10., 2011, Vitória da Conquista. **Anais [...].** Campinas: HISTEDBR-FE/UNICAMP, 2011. p. 1-15.

PASSOS, E. S. **Palco e platéias:** as representações de gênero na Faculdade de Filosofia. 1. ed. Salvador: NEIM / FFCH / UFBA, 1999.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença:** sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001. p. 13-27. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8m665>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

Palavras-chave: Mulheres na matemática; Mulher negra; Eunice Guimarães.